Fernando Pessoa buscou avidamente a felicidade, como quem nasceu para ser feliz.

Buscou sem encontrar, porque cedo o torturou a fome inextinguível de conhecer; a inteligência discursiva só lhe deu certeza de que “tudo é oculto”; as intuições intermitentes de uma realidade supra-sensível eram escuras e ambíguas, não as podia sancionar a razão; e o demónio da análise amorteceu nele ambições e sentimentos vulgares até quase ao aniquilamento. O poeta assiste de braços descaídos à dissolução do eu:

A vida? Não acredito.

A crença? Não sei viver.

(poesias ortónimas, p. 135)

Ninguém mais do que ele experimentou a sensação pungente e estar condenado à solidão, e condenado não apenas pela superioridade do seu espírito (não encontrava almas à sua volta, e daí a “incompatibilidade profunda com as criaturas que o rodeiam” de que se queixa a Cortes-Rodrigues) mas ainda porque só pelos sentimentos altruístas vencemos as barreiras individuais, e Pessoa, minado pela acção de uma inteligência hipertrofiada, quase não era capaz desses sentimentos. (...)

Os raros poemas de amor da poesia ortónima visam muito menos a amada, a posse ou a comunhão afectiva, que o pensamento do amor. A consciência que tem de amar afrouxa no poeta o amor; ao confessá-lo, ouve-se a si próprio , e, ouvidas, as suas palavras ganham um timbre diferente.

Jacinto do Prado Coelho, Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa,

7ª edição revista e actualizada, Editorial Verbo, pp. 107-109

Homem incompleto como o homem, homem incompleto como animal humano, o homem que se revela incapaz de sentir sem estar pensando, é no homem que não sente sem pensar que a ciência encontra o melhor dos seus aliados. E, por isso mesmo, se Fernando Pessoa fosse homem da ciência, teria sido um homem de ciência completo. Fernando Pessoa, porém, como vimos, não era homem de ciências, mas, muito ao contrario, era homem de imaginação, isto é, homem que voluntariamente se desprende do geral para cuidar do particular, homem que gostosamente troca o observado pelo imaginado, homem que irresistivelmente prefere o sonho à realidade e desdenha o pensamento pelo sentimento. E, assim, nos encontramos no âmago do drama do Fernando Pessoa lírico: a extensão dos seus sentimentos é constantemente diminuída pela vastidão do seu pensamento – completo abandono aos sentimentos que desperta. Daí a dualidade desse homem que vive e pensa simultaneamente e pensando o que vive, pensa, precisamente, que a vida só vale a pena ser vivida em pensamento, uma vez que o pensamento, pecado original de toda a vida, corrompe a inconsciência inerente à própria felicidade de viver.

João Gaspar Simões, Vida e Obra e Fernando Pessoa, História de uma Geração,

4ª edição, Livraria Bertrand, pp. 405-406